

Capacitação de Monitores Ambientais em Áreas Espeleológicas com Potencial Ecoturístico

Ana Maria LOPEZ; Cláudio E. de CASTRO; Clayton F. LINO

Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica
Rua do Horto, 931 – Horto Florestal, CEP: 02377-000, São Paulo-SP - Brasil

O Programa de Ecoturismo do Conselho Nacional da Reserva da Biosfera serviu para aprimorar a formação de Monitores Ambientais que trabalhem em Municípios do entorno de Unidades de Conservação com potencial espeleológico, reforçando o papel fundamental dos cidadãos e entidades envolvidas na busca do desenvolvimento sustentável, ordenando as atividades de ecoturismo, atuando como educadores ambientais e criando novos mercados de trabalho/fonte de rendimentos para estas comunidades, obtendo subsídios para futuras ações em áreas distintas desta.

Baseados em práticas pedagógicas e experiências realizadas no princípio da década de noventa, o projeto piloto propôs, para o curso base, uma nova grade curricular, nova carga horária e principalmente, uma visão holística e interdisciplinar da Educação Ambiental que obrigatoriamente teriam que se incorporar às capacitações nesta área.

Foram executados, também, cursos de especialização, segundo a escolha e aptidão dos monitores, para melhor adequar o atendimento da monitoria aos serviços de turismo e preservação do ambiente cavernícola.

No aprimoramento das soluções locais, um programa de intercâmbio entre áreas que apresentam serviços de monitoria em áreas cársticas vem sendo executado, buscando aperfeiçoar a formação do monitor.

O Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica pretendendo criar subsídios à efetiva capacitação dos monitores ambientais nas áreas remanescentes de mata atlântica por todo o país, criou um projeto piloto para servir como laboratório. Este projeto foi implementado na região do Alto Ribeira - SP, capacitando cerca de 120 monitores ambientais em todas as suas fases: um curso básico em 1998 e outra especialização em 1999, culminando com o terceiro curso, 2000.

O ecoturismo vêm se apresentando como alternativa para algumas áreas de preservação e com riquíssimo patrimônio espeleológico, como é o caso do Alto Ribeira, e para a inclusão das comunidades locais no mercado do ecoturismo. Porém essa alternativa acarreta uma degeneração da cultura e pressão sobre as áreas protegidas, exigindo ações que venham garantir a nova fonte de renda e um baixo impacto sobre a cultura e costumes.

A região envolvida abriga extensa área de Mata Atlântica, com riquíssimo potencial espeleológico, ao mesmo tempo que estas extensões protegidas garantem a manutenção da biodiversidade, representam para as comunidades residentes em seu entorno um fator restritivo de desenvolvimento, em função das diversas limitações impostas pela condição de Áreas de Proteção Integral.

A região está na parte alta do curso do rio Ribeira de Iguape, onde a Serra de Paranapiacaba faz um recuo ao interior do continente, em direção sudoeste, considerada a maior área contínua de mata atlântica preservada do Brasil. A sua importância foi realçada já em 1991, quando de sua incorporação pela UNESCO como área-piloto da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, portanto, patrimônio da humanidade.

No Alto Ribeira estão concentradas uma das maiores áreas de Unidades de Conservação do Estado de São Paulo, formando o grande conjunto de interesse preservacionista da mata atlântica e sua biodiversidade que ainda restam do patrimônio natural. Na área de atuação do projeto piloto podemos citar os Parques Estaduais de Jacupiranga, Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira e Intervalos que, somados em suas áreas teremos um total de 231.970 hectares e 250 cavernas cadastradas.

Nos três parques onde os monitores podem atuar há um grande número de cavernas. Já em 1976, Lino elaborou uma proposta de roteiro para as cavernas, visionando a alternativa de sustentabilidade que só nesta década se configurou mais claramente.

O projeto constou de: curso básico, especialização e intercâmbio. O curso básico planejou em sua grade um módulo para a compreensão do Karst, cavidades naturais, cartografia e biomas locais, além de turismo, condução de grupos, suporte básico de vida e saúde preventiva, entre outros. A carga horária, que em

portaria do IF-São Paulo é de 120 horas, foi estendida para 200 horas, já que em diagnóstico avaliativo do curso de 1998, ficou claro que não atende à demanda de mudança dos valores e atitudes que se pretende alcançar com uma capacitação desta envergadura.

A especialização foi oferecida de acordo com as necessidades de aperfeiçoamento da prática de monitoria, para melhor atender ao binômio turismo – preservação, onde, após diagnosticar as habilidades dos alunos e suas preferências, escolheu-se as especializações que deveriam ser executadas. Realizaram-se módulos de técnicas verticais, botânica, fauna cavernícola, pronto socorrismo, educação ambiental, topografia dentre outros. Cada curso teve a duração de quarenta horas com a carga horária dando realce às aulas práticas, sem deixar de lado o embasamento teórico.

O intercâmbio, num primeiro momento, levou monitores do alto Ribeira a outras localidades que apresentam turismo em áreas cársticas, como Bonito-MS, trazendo também, outros para esta região. A troca de experiências foi relatada e repassada aos monitores de cada local, garantindo o aperfeiçoamento da atividade, buscando solução às perguntas e questões que se impõem ao trabalho de monitoria. O programa de intercâmbio busca incentivar a iniciativa de formação de núcleos gestores na própria comunidade, assegurando assim, a reflexão dos agentes locais sobre os caminhos que possam seguir. A especialização está em fase final de avaliação, devendo ser encerrado com um seminário onde as trocas de experiências sejam apresentadas e publicadas em anais.

A realização de cursos básicos e de especialização busca aprofundar a práxis de estruturação de capacitação em monitoria ambiental que deu seus primeiros passos no início dos anos 90 na Fazenda Intervalles, passando pelo I Curso em Iporanga -1995 (Marinho, 1997) e posteriormente em 1998 com o II Curso (relatório do II curso de monitores ambientais). Foi importante a incorporação dos fundamentos para a capacitação de moradores locais através da Educação Ambiental, partindo da realidade regional local, diagnosticando as necessidades dos conteúdos do curso e adequando-os ao tempo necessário de amadurecimento e a forma de se refletir a realidade, tornado todos os envolvidos em co-autores do processo.